

ARTIGOS

## COMPANHEIROS DE ARMAS?

Uma comparação dos mundos  
jornalísticos português e brasileiro

Copyright © 2013  
SBPjor / Associação  
Brasileira de  
Pesquisadores em  
Jornalismo

RUI NOVAIS

*Universidade do Minho*

SÔNIA VIRGÍNIA MOREIRA

*Universidade Estadual do Rio de Janeiro*

LUÍSA SILVA

*Universidade do Porto*

**RESUMO** - Este artigo tem como objetivo avaliar se existe uma comunidade jornalística de língua portuguesa “desterritorializada” ou se autopercepções profissionais distintas prevalecem entre jornalistas portugueses e brasileiros. Com base em uma extensa análise comparada de 200 questionários – incluindo questões sobre as culturas do jornalismo, a confiança nas instituições e as influências no trabalho de coleta de notícias – o texto avalia a proximidade cultural dos dois países, bem como o índice de globalização, os respectivos contextos políticos e os diferentes meios de comunicação. Apesar da proximidade esperada e de alguns sinais de convergência entre os dois países, o estudo comparado mostra algumas diferenças que são resultantes da respectiva incorporação institucional, social e cultural. Assim, culturas profissionais diferentes impedem a existência de uma cultura jornalística de língua portuguesa “translocal” e confirmam a importância dos contextos.

**Palavras-chaves:** Jornalismo. Portugal. Brasil. Estudo comparado. Contextos.

### ¿COMPAÑEROS DE ARMAS?

Una comparación de los mundos periodísticos portugués y brasileño

**RESUMEN** - Este artículo tiene como objetivo determinar si es posible afirmar que existe una comunidad periodística “desterritorializada” en lengua portuguesa o si, por el contrario, prevalecen autopercepciones distintas entre periodistas portugueses y brasileños. A partir de un extenso análisis comparativo de doscientos cuestionarios —que incluían preguntas sobre la cultura del periodismo, la confianza en las instituciones y las influencias en el trabajo de recogida de noticias—, el texto evalúa la proximidad cultural de los dos países, así como el índice de globalización, los respectivos contextos políticos y los diferentes medios de comunicación. A pesar de la proximidad y de algunos signos de convergencia entre los dos países, el estudio comparativo muestra algunas diferencias que son resultado de su diferente incorporación institucional, social y cultural. Así, esas culturas profesionales distintas se oponen a la existencia de una cultura periodística en lengua portuguesa “translocal” y confirman la importancia de los contextos.

**Palabras clave:** Periodismo. Portugal. Brasil. Estudio comparativo. Contextos.

## BROTHERS IN ARMS? Portuguese and Brazilian journalistic worlds compared

**ABSTRACT** - This study aims to gauge if there is a 'de-territorialized' Portuguese speaking journalistic community or whether diverse professional self-perceptions prevail amongst Portuguese and Brazilian counterparts. Based upon an extensive and manifold comparative analysis of 200 questionnaires – comprising the 'journalism cultures', their trust on social institutions' and the 'perceived influences on news work' - it contrasts the cultural proximity of both countries, alongside a degree of globalization, with their rather dissimilar respective political and media contexts. It concludes that notwithstanding the expected proximity and some signs of convergence between the two countries, the comparative evidence displays some differences which are the result of their respective institutional, social and cultural embedding. Thus, those partially different professional cultures prevent the existence of a translocal Portuguese speaking journalistic culture and corroborate the importance of the contextual conditions.

**Keywords:** Journalism. Portugal. Brazil. Comparative study. Context.

A proposta deste artigo é avaliar a existência uma cultura jornalística de língua portuguesa translocal (APPADURAI, 1996; HANITZSCH, 2007). Para tanto, realizou-se um processo comparado múltiplo (COULDRY; HEPP, 2012), incluindo a análise dos dados recolhidos em Portugal e no Brasil em diferentes dimensões: “culturas do jornalismo”, “confiança dos jornalistas em instituições sociais” e “influências percebidas no trabalho de produção de notícias”.

Desenvolvida no âmbito da pesquisa internacional *Mundos do Jornalismo* (WOJS), da qual participaram 18 países e cuja proposta foi analisar o estado atual do jornalismo e das organizações de mídia nos diversos países (HANITZSCH et al., 2011), a opção por este micro e duplo estudo de caso aqui proposto oferece uma oportunidade única para entender o significado dos contextos (HALLIN; MANCINI, 2012). A comparação espacial ou entre territórios abrange a proximidade cultural dos dois países bem como o nível de globalização, diferente dos contextos econômico, político e sociais, que tendem a ser bastante divergentes/ diferentes. Nesse contexto, avalia se há uma comunidade “desterritorializada” dos jornalistas de língua portuguesa ou se, pelo contrário, estruturas, culturas e padrões distintos são determinados por contextos domésticos que resultam em autopercepções profissionais distintas dos jornalistas portugueses e brasileiros.

Antes de abordarmos os resultados, porém, os itens a seguir fazem um breve histórico da pesquisa mais abrangente *Mundos do Jornalismo*, que definiu a base contextual deste estudo, bem como a distinção entre os sistemas de mídia português e brasileiro, além de uma explicação do desenho adotado pela pesquisa.

## **1 A PESQUISA MUNDOS DO JORNALISMO**

É recente um modelo de análise e uma definição para a cultura jornalística que agregue conceitos muitas vezes utilizados em separado e de diferentes formas pela academia. Hanitzsch (2007, p. 369) argumenta que essa cultura “pode ser definida como um conjunto específico de ideias e práticas segundo as quais os jornalistas, consciente ou inconscientemente, legitimam o seu papel na sociedade” e tornam o seu trabalho significativo para eles mesmos e para os outros. Assim, na perspectiva desse novo conceito, a cultura jornalística apresenta três elementos básicos: as funções institucionais, a epistemologia e a ética.

Em relação às atribuições institucionais, a pesquisa refere-se às funções concretas e normativas do jornalismo na sociedade. Também pode envolver a percepção da atuação profissional, as funções das notícias ou o papel dos meios de comunicação (HANITZSCH, 2007). Nesse aspecto, é possível distinguir três dimensões diferentes para as funções institucionais: intervencionismo (o jornalista comprometido socialmente ou, ao contrário, o profissional neutro, observador e objetivo); distância do poder (o jornalismo como 4º poder ou jornalistas que apoiam e colaboram com governos) e, finalmente, orientação de mercado (jornalismo voltado para a audiência ou que prioriza o papel político-informativo dos meios de comunicação). A análise da percepção da função dos jornalistas também considera a confiança nas instituições sociais. Como regra geral, a pouca confiança dos jornalistas nessas instituições está ligada à percepção das suas funções, como considerar importante observar e monitorar as ações das elites do poder.

O segundo elemento é a epistemologia. Esse conceito refere-se à forma de lidar com a realidade e à reivindicação dos jornalistas pela verdade, o que envolve objetividade e empiria. Sob esse aspecto, significa que os jornalistas tendem a aceitar a existência absoluta da objetividade e acreditam na possibilidade de separar fatos de valores. No lado oposto, estão os subjetivos, que veem a realidade apenas como representação, como efeito de uma ação intrinsecamente mutável. Estes se apoiam nos meios usados pelos jornalistas para reivindicar a verdade.

Finalmente, em termos de cultura jornalística, a ética examina

como os jornalistas respondem aos dilemas éticos. Nesse sentido, quatro perspectivas estão aqui presentes: a abordagem profissional padrão (quando os jornalistas referem-se a códigos universais e normas editoriais); a abordagem liberal (que critica a perspectiva anterior com base em um conjunto de argumentos); a abordagem cínica (quando os jornalistas não atribuem relevância aos dilemas éticos) e a abordagem relativista da ética (pessoas que favorecem respostas *ad hoc* para dilemas éticos).

Outro recurso ideológico a ser considerado é aquele sugerido por Plaisance (2005 apud HANITZSCH, 2007), inspirado em Donelson R. Forsyth (1980 e 1981, apud HANITZSCH, 2007). Essa abordagem organiza as questões éticas em dupla dimensão: o relativismo (crença ou rejeição de códigos universais) e o idealismo (ações determinadas por meios ou resultados). A interseção entre as duas dimensões, no entanto, resulta em quatro perspectivas bastante distintas: os *situacionistas* (profissionais que rejeitam as regras universais e defendem análises caso a caso); os *absolutistas* (relacionados com os idealistas, mas que defendem que o melhor resultado pode ser alcançado por meio de regras universais); os *subjetivistas* (aqueles que sustentam os seus julgamentos em valores pessoais, mas são receptivos a considerar aspectos negativos para conseguir algo bom para todos) e, finalmente, os *excepcionalistas* (guiados por códigos universais, mas receptivos a fazer exceções quando estas contribuem para evitar consequências negativas) (HANITZSCH, 2007).

As influências percebidas no trabalho de produção de notícias também são objeto de análise. Sob esse aspecto, a autonomia é considerada crucial para que os jornalistas possam desenvolver a sua atividade (KUNELIUS, 2007; McDEVITT, 2003; McQUAIL, 1992; SINGER, 2007 apud HANITZSCH; MELLADO, 2011). Diferentes fatores, portanto, têm sido apresentados como indicadores interculturais do impacto limitado de forças externas sobre as liberdades pessoais dos jornalistas. Mais concretamente, seis domínios de influência são sugeridos por Hanitzsch e Mellado (2011), incluindo: *influências políticas* (governo, políticos, censura); *influências econômicas* (expectativas de lucro, pesquisa de mercado, público); *influências organizacionais* (decisões editoriais ou rotinas jornalísticas, como a influência da propriedade dos meios sobre administradores e editores); *influências procedurais* (restrições comuns como falta de recursos, espaço, rotinas e padrões estabelecidos); *influências profissionais* (convenções de mídia, leis, diretrizes editoriais) e *grupos de referência* (colegas de outros meios

de comunicação, organizações concorrentes, audiência ou amigos, conhecidos e familiares). Neste ponto, é importante mencionar que é raro encontrar na verdadeira prática do jornalismo os polos extremos de cada um dos conceitos mencionados até agora. Assim, eles servem mais como linhas de orientação no sentido de compreender a percepção dos jornalistas no mundo contemporâneo.

Foi apresentada aos entrevistados uma lista de instituições públicas (que abrangeu Congresso/Parlamento, partidos políticos, governo, judiciário/tribunais, polícia e políticos) e foram solicitados a indicar o seu grau de confiança nessas instituições. Essa listagem foi incluída considerando que geralmente está relacionada tanto com a percepção da função dos jornalistas quanto com o fato de a mídia ser frequentemente acusada de desempenhar um papel fundamental na queda de confiança das instituições públicas.

## **2 O MUNDO JORNALÍSTICO PORTUGUÊS E BRASILEIRO**

Estudos sobre jornalistas portugueses são bastante recentes (publicados na última década). Em primeiro lugar, é preciso mencionar as obras mais importantes centradas no processo de profissionalização do jornalismo. Fidalgo (2008; 2009), por exemplo, centrou sua análise na evolução do jornalismo em Portugal comparando-a com a introdução de transformações que ocorreram na França. O autor concluiu que, por razões sociológicas, econômicas ou políticas, só foi possível aos jornalistas portugueses conseguir melhores condições de trabalho depois de 1974. Até aquela data, e apesar de algumas iniciativas para melhorar o status da profissão, Portugal enfrentou idiossincrasias que atrasaram o progresso. Enquanto o jornalismo em outros países atingia o status de profissão independente, Portugal continuava a apresentar altos índices de analfabetismo, as empresas de mídia não tinham poder econômico e o país teve de enfrentar uma censura severa do governo ditatorial (SOBREIRA, 2003; FIDALGO, 2008).

Na mesma linha, o estudo de Correia e Batista (2007) centrou-se nas transformações ocorridas nas décadas de 1950 e 1960 em Portugal. Os autores constataram que o estabelecimento do jornalismo como profissão só foi possível quando os jornalistas alcançaram dignidade salarial e quando se verificou a expansão de princípios éticos e de consciência profissional. Até então, algumas mudanças tecnológicas importantes (como a aquisição de melhores equipamentos, por exemplo) ocorreram simultaneamente à criação de editorias específicas dentro das redações e à valorização de gêneros jornalísticos (CORREIA; BATISTA,

2007). Como consequência, as empresas de mídia se desenvolveram, a concorrência aumentou, as condições de trabalho melhoraram e os jornais cresceram em tamanho e começaram a cobrir maior variedade de assuntos (CORREIA; BATISTA, 2007). O ponto de inflexão coincidiu com a Revolução de 25 de abril de 1974, que restabeleceu a democracia em Portugal e permitiu a liberdade de imprensa.

Outros estudos baseados em entrevistas qualitativas foram realizados por diferentes autores que valem ser aqui mencionados (CORREIA; BATISTA, 2010; FIGUEIRA, 2009; REBELO, 2011). Essas pesquisas trazem dados importantes sobre a percepção dos jornalistas, não só de períodos anteriores, mas também considerações individuais sobre a profissão ou a opinião de profissionais sobre o status contemporâneo do jornalismo português. Como os dados são bastante subjetivos, a informação coletada não cabe aqui como a melhor forma de comparação.

Entre outros estudos sociológicos podemos nos referir a Oliveira e Garcia (1988; 1994, apud PINTO; SOUSA, 2003), Garcia e Castro (1993) e, sobretudo, a um estudo coordenado por Rebelo (2011), um trabalho recente, que torna a sua utilização mais adequada, em termos comparados, com os resultados da pesquisa *Mundos do Jornalismo - WOJS*. O estudo de Rebelo também utilizou o recurso de entrevistas qualitativas como uma das metodologias de pesquisa ao trabalhar com os testemunhos de 47 profissionais escolhidos de acordo com perfis jornalísticos pré-determinados. Essas entrevistas tinham como objetivo coletar dados sobre uma série de questões: a origem social dos jornalistas, suas estratégias de ascensão social, sua perspectiva sobre a profissão e o seu futuro, como gerenciam as relações hierárquicas dentro da organização de mídia e também entre pares, quais são os códigos de ética adotados e a sua postura em relação à política e à religião (REBELO, 2011).

Informações adicionais coletadas por Rebelo têm como fonte a CCPJ (Comissão da Carteira Profissional do Jornalista). Já as informações fornecidas pela Comissão à equipe de pesquisa, dizem respeito a 7.402 jornalistas (REBELO, 2011), o que estabelece uma caracterização sociodemográfica completa dos profissionais de jornalismo em atividade entre 2005 e 2008. Concretamente, a abordagem sociológica do estudo de Rebelo usou dados confiáveis que permitiram aos pesquisadores caracterizar cerca de dois terços dos jornalistas portugueses quanto a: local de nascimento, idade, gênero, tempo de trabalho na profissão, meio específico (impressos, rádio, televisão), formação etc. (REBELO, 2011).

Estudos sociológicos produzidos em Portugal constituem bases razoáveis para a caracterização dos jornalistas portugueses. Obras que reúnem informações a partir da "autopercepção" dos jornalistas sobre a profissão, porém, raramente incluem o recurso da entrevista qualitativa, o que torna difícil fazer comparações imparciais.

No caso do Brasil, análises extensas sobre perfis de jornalistas e/ou prática profissional também são raras, ao contrário dos estudos do jornalismo em perspectiva histórica, por exemplo. Em geral, nas pesquisas sobre o campo são destacadas as rotinas e as instâncias de decisão editorial nas redações. Em outras palavras, as pesquisas sobre jornalismo raramente consideram os jornalistas entre os principais atores. Dessa forma, os resultados do estudo *Mundos do Jornalismo* representam um mapa exploratório inicial da cultura profissional jornalística brasileira contemporânea<sup>1</sup>.

Se as pesquisas com foco nos jornalistas brasileiros são ocasionais, o mesmo não pode ser dito em relação aos estudos sobre o jornalismo como campo do conhecimento ou a imprensa como tema de grande interesse. A fim de se estabelecer como uma área específica de estudo no campo mais amplo da comunicação, a maior parte da pesquisa realizada regularmente a partir da década de 1970 e até o final da década de 1990 constituiu-se principalmente por estudos descritivos, relacionados tanto com a produção de notícias (livros de estilo/manuais de redação) como com as organizações editoriais (estudos sobre meios de comunicação).

A ética ou dilemas éticos também têm representado uma questão importante para os estudiosos do jornalismo e para os jornalistas brasileiros. Do primeiro grupo fazem parte as obras de Karam (2004); Chaparro (1994), Christofolletti (2008), Tofoli (2008) e Marcondes Filho (2009). Entre os jornalistas, a ética é central nas obras de Abramo (1988); Beltrão (1992), Dines (2009) e Arbex Jr. (2001).

No que diz respeito à coleta de depoimentos de jornalistas, principalmente aqueles envolvidos em inovações com repercussão em todo o país, ajuda a estabelecer alguns padrões jornalísticos nacionais e também pode ser apontada como tópico importante de pesquisa. Entre os estudos representativos sobre esse tema estão três textos que interagem entre si: o primeiro é um estudo sobre perfis de jornalistas, realizado por Melo e Lins da Silva (1991), que analisa as rotinas jornalísticas com base em 20 jornalistas brasileiros e aborda questões de censura, ideologia e pedagogia do jornalismo. A segunda obra é o diálogo de Szejnider (2003) com sete editores-chefes brasileiros, reunindo suas opiniões sobre

competências profissionais, procedimentos na coleta de informação e sua percepção dos padrões jornalísticos. Finalmente, o trabalho de Abreu, Lattman-Weltman e Dora (2003) traz depoimentos de seis jornalistas que desempenharam papel fundamental na reformulação ou na criação de agências de notícias nas últimas três décadas do século XX como uma forma de recuperar suas carreiras jornalísticas e reconstruir um período significativo da história do Brasil – a transição da ditadura militar para o regime democrático no final da década de 1970.

Embora em menor número no contexto da produção acadêmica brasileira, pesquisas específicas sobre a rotina de jornalistas contribuíram para construir a base de um núcleo de pesquisa em culturas do jornalismo como o proposto pelo estudo *Mundos do Jornalismo*. É o caso de Travancas (2011), com investigação orientada para a construção da identidade social dos jornalistas dentro e fora das redações, e também o trabalho de Adghirni (1997) sobre práticas de produção de jornalistas em três grandes jornais diários na cobertura do noticiário político e econômico de Brasília, capital do país.

### 3 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Originalmente planejado como um projeto piloto, com pesquisa de campo realizada entre 2007 e 2011, investigadores da pesquisa *Mundos do Jornalismo* realizaram entrevistas com 2.100 jornalistas de mais de 400 organizações de notícias em 21 países (HANITZSCH, 2011). Como parte desse projeto maior foram realizadas as entrevistas, em Portugal e no Brasil, com uma amostra em cada país de 100 jornalistas selecionados em 20 organizações de notícias – cinco profissionais em cada meio, com “responsabilidades editoriais” e produção de conteúdos diferentes. Os jornalistas entrevistados também tinham origem em tipos diferentes de mídia: nacionais e local/regional; pública, estatal ou privada; de qualidade e popular.

No Brasil, a pesquisa de campo começou com a aplicação dos questionários-piloto no final de 2007, ainda que a maioria dos questionários tenha sido aplicada em 2008, completados com algumas informações e verificações em 2009. Em Portugal, a pesquisa de campo começou a ser realizada em 2010, mas os questionários foram aplicados principalmente em 2011. A coleta de dados adicionais foi concluída no início de 2012. A doação recebida de uma fundação de pesquisa alemã, no caso do Brasil, e da Fundação para a Ciência, em Portugal<sup>2</sup>, foram os recursos que contribuíram para a realização da pesquisa nos dois países.

Entretanto, o processo de coleta de dados no âmbito dos

jornalistas brasileiros não foi uma tarefa fácil, em parte devido a pouca disponibilidade dos profissionais, aos diferentes fusos no horário de trabalho, e à disposição dos jornalistas em participar da pesquisa. Em Portugal, também foram encontradas algumas dificuldades no acesso às informações necessárias nos meios de comunicação, principalmente em relação às receitas de cada meio. Nos dois países, as entrevistas foram conduzidas principalmente por telefone.

As três dimensões principais propostas no estudo *Mundos do Jornalismo*, quais sejam: culturas do jornalismo, confiança nas instituições e influências percebidas no trabalho de produção da notícia, compõem o objeto central do estudo usando uma escala de 1 a 5. Quanto aos 200 questionários (100 entrevistas em cada país), foram analisados comparativamente utilizando o teste de estatística descritiva Anova One-Way, que forneceu a base para as conclusões aqui abordadas. Esse teste também foi utilizado com amostras superior a 30, consideradas como de distribuição normal. Como Hanitzsch et al. (2011a, p. 275) situa, “com apenas 100 jornalistas entrevistados em cada país era quase impossível identificar os dados representativos no sentido estatístico, seguimos Hofstede (2001, p. 463) e decidimos construir amostras coincidentes, que permitiram a comparação entre países” pelas suas composições internas semelhantes.

A partir de uma extensa análise comparada dos resultados foi possível, então, identificar os pontos convergentes e divergentes e as percepções que prevalecem nos dois países, que mantêm estreitos laços históricos e culturais, mas com distintos sistemas político e de mídia. Em Portugal, de sistema parlamentarista, os meios de comunicação eletrônicos, por exemplo, eram principalmente públicos até a década de 1980, quando os primeiros serviços privados de radiodifusão começaram a operar canais comerciais. No Brasil, de sistema presidencialista, os meios de comunicação eletrônicos foram caracterizados inicialmente pelo seu papel educativo, mas logo adotaram o modelo industrial americano de rádio e televisão.

No que diz respeito à pesquisa comparada, permite o estudo de uma “ampla variedade de assuntos e opera a partir de diversos pontos de vista metodológicos” com o objetivo “de procurar similaridade e variações” (MILLS et al., 2006, p. 620). Assim, esse método de pesquisa é útil, uma vez que “[...] as comparações não apenas evidenciam as diferenças entre entidades sociais, como revelam aspectos únicos de uma entidade em particular, o que seria praticamente impossível de detectar de outra forma” (MILLS et al., 2006, p. 621). Como os dados utilizados nesta

análise estão integrados à pesquisa *Mundos do Jornalismo*, os conceitos que sustentam a base deste estudo foram utilizados para contextualizar e justificar as conclusões aqui relatadas. Os dados e as conclusões disponíveis desde as primeiras pesquisas de campo (concluídas em 2007-2008) também foram levados em consideração.

## 4 RESULTADOS

### 4.1 Papéis institucionais

De modo geral, é possível concluir que, em relação ao seu papel na sociedade, os jornalistas portugueses e brasileiros orientam-se pelos ideais de distância do poder e da observação neutra. Na verdade, eles se mostram reservados em relação às elites no poder por acreditarem que o monitoramento das suas atividades seja uma prioridade. Além disso, eles têm como meta prover os cidadãos com informações interessantes que possam influenciar suas decisões políticas.

A comparação das médias obtidas nos dois países mostra que os resultados são bastante semelhantes entre os jornalistas nas seguintes variáveis: “ser um observador independente”; “concentrar-se principalmente na notícia que atraia o maior público possível”; “influenciar a opinião pública” e “motivar as pessoas a participarem de atividades cívicas e da discussão política”. Foram consideradas como *muito importante* as funções de observação independente e de prestação de informações importantes; como *em parte importante* ou *muito importante* a motivação das pessoas e como *sem importância* todas as outras variáveis.

Mas também foram encontrados resultados significativamente diferentes entre os dois países. As seguintes funções foram percebidas de formas diferentes: “atuar como vigilantes do governo”; “proporcionar aos cidadãos as informações que precisam para tomar decisões políticas”; “apoiar políticas oficiais que resultem em prosperidade e desenvolvimento”; “atuar como defensor para a mudança social” e “transmitir uma imagem positiva de lideranças políticas e econômicas”.

Com relação às variáveis consideradas estatisticamente diferentes, os resultados médios revelaram que os jornalistas brasileiros, em geral, consideram esses papéis mais importantes do que os seus colegas portugueses – com exceção da função de “fornecer uma imagem positiva das elites no poder”, nesse caso, a média dos profissionais portugueses é superior: 1,67 e 1,43, respectivamente, ressaltando que 1 significa *sem importância* e 2 *pouco importante*.

Também foi fundamental aprofundar a análise das diferenças

entre os jornalistas nos dois países. Por exemplo: os jornalistas brasileiros consideram como *muito importante* o papel de “monitorar o governo” (4,45 – sendo que 5 significa *extremamente importante*), enquanto a pontuação média em Portugal foi 3,80 (3 significando *pouco importante*). Pode-se então afirmar que os jornalistas portugueses parecem ser menos críticos e mais colaborativos com quem está no poder. Mas seria muito simplista concluir que eles sejam favoráveis ao governo, já que não apenas a pontuação média obtida não se aproxima dos valores mais baixos, como também porque outros elementos, como a rejeição à importância em transmitir uma imagem positiva das elites no poder precisam ser levados em consideração.

Outra correlação também estava prevista entre as funções dos jornalistas como “vigilantes do governo” e como “vigilantes das elites”. Hanitzsch et al. (2010), analisando os resultados dos primeiros 18 países que participaram do estudo *Mundos do Jornalismo*, concluiu que o Brasil foi um dos países onde essa correlação não existiu (juntamente com Chile, China, Egito, Indonésia, Israel, Turquia e Uganda).

O melhor exemplo das diferenças evidenciadas nos dois países aqui analisados diz respeito à defesa de mudanças sociais. A média do Brasil é de 3,49 (entre *pouco importante* e *muito importante*), enquanto a pontuação média de Portugal é 2,63 (2 significando *pouco importante*). Com esses dados, é possível afirmar que, do ponto de vista social, os jornalistas brasileiros tendem a adotar uma atitude mais intervencionista do que os jornalistas portugueses – ou pelo menos a perceber o seu papel como mais ativo em tal circunstância.

Esses resultados podem ser explicados pelas realidades políticas e sociais contrastantes que prevalecem em cada país. Os jornalistas brasileiros consideram, por exemplo, a observação neutra como muito importante, em detrimento da definição da agenda política e da possibilidade de influenciar a opinião pública. Por isso, profissionais de comunicação brasileiros tendem a compartilhar os valores que estão tradicionalmente relacionados com as normas do jornalismo ocidental.

“Prover os cidadãos com as informações necessárias para a tomada de decisões políticas” e “apoiar políticas oficiais de desenvolvimento” foram também os pontos mais reivindicados por jornalistas brasileiros: 4,81 e 3,17, respectivamente, contra o 4,49 e 2,64 registrados em Portugal. Os primeiros lugares entre as variáveis alinham os jornalistas brasileiros à orientação do mercado, priorizando o interesse público mais do que os jornalistas portugueses, estando a diferença entre *extremamente importante* e *muito importante*. Isso reforça os resultados

obtidos anteriormente tanto na questão relacionada com o público como na questão sobre a importância de fornecer informações importantes para esse público. Por último, é preciso registrar que os jornalistas dos dois países priorizam a informação política.

#### 4.2 Epistemologias

As conclusões no âmbito da cobertura jornalística mostram que jornalistas dos dois países tendem a polarizar a objetividade e a validar empiricamente as informações. As seguintes variáveis foram consideradas estatisticamente iguais: “Eu não permito que minhas crenças e convicções influenciem o meu relato”; “Forneço uma análise dos eventos e dos assuntos em meu trabalho”; “Acho que os fatos falam por si”; “Tento sempre deixar claro qual lado em uma disputa apresenta a melhor posição”; “Mantenho distância das informações que não podem ser verificadas”.

Quanto a “acreditar que os fatos falam por si”, os resultados médios dos jornalistas portugueses foram superiores aos dos brasileiros (4,02 e 3,72, respectivamente, com 4 significando *concorda em parte* e 3 *não concordo nem discordo*). Resultado semelhante foi verificado nos quesitos de imparcialidade na atividade profissional, na qual a pontuação média dos jornalistas portugueses foi de 4,35 (5 significando *concordo*), enquanto a média no Brasil foi de 3,98. Já em relação à “defesa da verdade baseada em evidências substanciais e em fontes confiáveis”, a pontuação média do Brasil foi superior à obtida em Portugal (4,71 e 4,46, respectivamente).

A única variável em que as pontuações médias ficaram abaixo do valor 3 foi a relacionada com qual lado em uma disputa apresenta a melhor posição: 2,26 foi a resposta média no Brasil e 2,24 em Portugal. Os resultados restantes convergem para valores mais elevados (entre 3 e 5).

Assim foi possível concluir que, no geral, os jornalistas acreditam que “é possível separar valores da verdade”, bem como justificam tal afirmação da verdade “recorrendo à observação, a provas e a evidências”. Apesar da questão referente à análise dos eventos e sobre o trabalho jornalístico terem marcado 3,97 (no Brasil) e 4,01 (em Portugal), os elementos restantes analisados indicam a baixa aceitação da “abordagem analítica e opinativa por jornalistas”. Embora a aceitação da objetividade não seja linear: “já que tais conceitos não são considerados absolutos, há uma busca da verdade dos fatos, uma preocupação ética e moral” (MOREIRA; HELAL, 2009, p. 104).

### 4.3 Ética

Ao lado das influências externas, a ética aparece como a única área em que os resultados médios dos dois países são significativamente iguais na maioria das respostas. As questões éticas que apresentaram os maiores valores (entre os níveis 4, *concordo em parte*, e 5, *concordo totalmente*) foram: “há problemas éticos tão importantes que devem ser considerados por todos os jornalistas, independentemente da situação e do contexto” e “jornalistas devem evitar métodos questionáveis de apuração em qualquer situação, mesmo que isso signifique não conseguir a notícia”.

Em relação as outras respostas, os jornalistas não concordam que “dilemas éticos muitas vezes complexos na cobertura de notícias autorizam os jornalistas a formularem seus próprios códigos individuais de conduta” (os resultados médios apresentam valores de 2,08 no Brasil e de 2,18 em Portugal) e que “publicar uma notícia que pode prejudicar potencialmente outras pessoas é sempre errado, independentemente dos benefícios obtidos com isso” (médias de 2,16 e 2,26, respectivamente). Ainda no que diz respeito ao relativismo (o que é ética no jornalismo), as respostas variam no Brasil e em Portugal (2,15 e 1,91, respectivamente). Além disso, na variável “há situações em que algum tipo de dano é justificável se resultar em notícia que produza um bem maior”, a pontuação média obtida foi de 3,31 (no Brasil) e 3,53 (em Portugal).

Jornalistas portugueses e brasileiros, portanto, tendem a aceitar a ética universal e as normas editoriais, situando-se na categoria de abordagem profissional padrão proposta por Hanitzsch (2007). Os profissionais dos dois países apresentam baixo índice de atitudes relativistas e idealistas, no sentido de que as consequências são, por vezes, justificáveis quando envolvem a obtenção de um bem maior. Os jornalistas consideram os códigos universais, mas são capazes de analisar caso a caso e aceitam que, às vezes, exceções são necessárias, em especial quando contribuem para evitar efeitos negativos.

Nessa perspectiva, tais questões são realmente complexas e universais, já que é difícil definir o que pode ser considerado como atitude ética ou antiética (MOREIRA; HELAL, 2009). “Na prática diária nas redações, questões éticas sobre a atividade jornalística podem receber diferentes interpretações, dependendo de cada caso em particular” (MOREIRA; HELAL, 2009, p. 104).

É importante registrar ainda que, na questão aberta, na qual os jornalistas brasileiros foram estimulados a indicar os elementos essenciais para o seu desempenho profissional, a ética aparece entre os

mais frequentes (57 respostas), seguida de verdade (25), imparcialidade (20) e precisão (18 respostas). Desse modo, a ética como elemento essencial para o “bom jornalismo” prevalece entre os profissionais que participaram da pesquisa no Brasil (MOREIRA; HELAL, 2009). Em Portugal, os jornalistas também entendem questões éticas com alguma incerteza. Apesar de concordar que existem situações inegáveis (tais como o direito à vida), a maioria dos entrevistados compartilhou o ponto de vista de que os dilemas éticos não podem ser avaliados genericamente em nível abstrato.

#### 4.4 Confiança nas instituições

De modo geral, os jornalistas portugueses parecem confiar mais nas instituições do que os seus colegas brasileiros. Os valores médios variaram entre 2 (*pouca confiança*) e 3 (*confia em parte*). Quando são comparados os resultados médios, esses são considerados estatisticamente iguais em relação a “governo” e “judiciário/tribunais” e significativamente diferentes no que diz respeito a: “polícia”, “políticos em geral”, “líderes religiosos” e “instituições beneficentes ou de voluntários”.

Jornalistas nos dois países tendem a atribuir/exibir pouca confiança nos “políticos” e em “partidos políticos em geral”. No Brasil, os profissionais confiam mais na “Organização das Nações Unidas”, em “organizações beneficentes ou de voluntários” e nos “meios de comunicação”. Em Portugal, os jornalistas também confiam nas seguintes instituições: “parlamento”, “polícia” e “militares”. Nenhuma instituição obteve resultados médios que mostrassem confiança inequívoca ou total da parte dos jornalistas. Sobre a questão “confiança no noticiário da mídia”, por exemplo, Moreira e Helal (2009, p. 105) afirmam que no caso do Brasil,

[...] Cada um acredita no trabalho realizado por sua equipe, mas não de modo geral, não confiando totalmente em outros meios. Problemas relacionados com a qualidade da informação divulgada, a dependência econômica, as alianças políticas e outras formas de comprometimento de alguns meios de comunicação podem contribuir para essa desconfiança.

O grau de desconfiança evidenciado em relação ao setor público funciona, por sua vez, como motivação para o papel fiscalizador dos jornalistas brasileiros. Assim, problemas relacionados com a qualidade da informação transmitida, a dependência econômica, as alianças políticas e a outras formas de compromisso são elementos fundamentais e irrefutáveis que contribuem para essa circunstância.

#### 4.5 Influências internas

Em relação às influências internas, o Brasil apresentou a média mais elevada, o que significa que os jornalistas brasileiros parecem perceber melhor essas influências. Os resultados foram considerados significativamente diferentes para a maioria das variáveis. No que diz respeito aos “pares”, o grau médio foi 4,07 (no Brasil) e 3,48 (em Portugal): “supervisores e editores” receberam 4,07 e 3,48, respectivamente; “propriedade do meio” pontuou 3,13 e 2,30; enquanto “linha editorial” apresentou média de 4,13 e 3,50 e “prazos” ficaram com 3,61 no Brasil e 3,03 em Portugal.

As únicas variáveis nas quais os resultados foram considerados estatisticamente iguais somam apenas três: “considerações sobre publicidade”, “expectativas de lucro” e “novas tecnologias”. A primeira mostrou uma pontuação média de 2,21 no Brasil e 1,94 em Portugal (1 significando *sem qualquer influência* e 2 *pouco influente*). A variável “expectativas de lucro” obteve uma pontuação média de 2,52 (no Brasil) e 2,44 (em Portugal) (3 significando *pouco influente*). Já os resultados médios para “novas tecnologias” foram de 3,55 no Brasil e de 3,42 em Portugal.

Na pergunta aberta sobre as limitações que afetam o desempenho dos jornalistas, foram citados como os principais entraves para o trabalho dos jornalistas brasileiros: as rotinas de trabalho, a linha editorial, as restrições orçamentárias, a falta de tempo para se dedicar às matérias, a influência dos anunciantes e questões que envolvem recursos operacionais. Um número considerável de profissionais, porém, afirmou que não tem qualquer limitação no exercício das suas funções.

#### 4.6 Influências externas

Como citado anteriormente, no que diz respeito a influências externas, os resultados mostraram semelhanças significativas. Estatisticamente, jornalistas brasileiros e portugueses tendem a discordar apenas no que se refere a quatro fatores de influência externa: “leitores, ouvintes ou telespectadores” (3,60 e 3,01 respectivamente); “outros meios” (2,95 e 2,51); “sensibilidades” (3,48 e 3,00) e “anunciantes” (2,06 e 1,64). Tais resultados reforçam a impressão de que os jornalistas brasileiros também parecem perceber mais as influências que exercem impacto sobre o seu trabalho.

Em linhas gerais, os jornalistas no Brasil e em Portugal são menos influenciados por “amigos, conhecidos e familiares”, por “colegas de outros meios”, pela “censura”, por “funcionários públicos”, por “relações

públicas”, pelos “sindicatos de jornalistas”, por “líderes religiosos”, por “anunciantes” e por “organizações de crítica de mídia”.

### CONCLUSÃO

Uma das principais conclusões decorrentes deste estudo diz respeito aos papéis institucionais, apontando a determinação dos jornalistas portugueses e brasileiros em aderirem aos ideais de distanciamento e de observação neutra. Além disso, ambos se apresentam relativamente distantes das elites no poder, monitorando e verificando as suas ações enquanto se esforçam para fornecer informação política relevante e precisa.

Além disso, as diferenças mais significativas verificadas entre os resultados médios obtidos nos dois países referem-se à defesa de mudança social; à necessidade de proporcionar aos cidadãos informação relevante para que possam tomar decisões políticas; e, finalmente, ao apoio a políticas oficiais que podem resultar em prosperidade e em desenvolvimento. Os jornalistas brasileiros, em especial, registram as pontuações mais altas em todos os itens do levantamento sobre suas funções institucionais, o que é revelador da sua forte autopercepção quando comparados aos seus colegas portugueses.

Em relação às diferentes formas de abordagem na cobertura de notícias, os resultados mostram que os jornalistas dos dois países tendem a trabalhar com informações objetivas e neutras para validá-las empiricamente. Portanto, jornalistas portugueses e brasileiros acreditam que seja possível separar os valores da realidade e justificar a reivindicação da verdade por meio da observação, da evidência e da experiência. Além disso, ambos compartilham a mesma opinião sobre ética e sobre as influências externas que podem ter impacto nas suas rotinas de trabalho. Entretanto, os jornalistas portugueses parecem confiar mais nas instituições sociais do que os seus colegas brasileiros.

De modo concreto, no que diz respeito à confiança nas instituições, os jornalistas portugueses e brasileiros confiam menos nos políticos em geral e nos partidos políticos em particular. No Brasil, os jornalistas confiam mais na Organização das Nações Unidas, em organizações beneficentes ou de voluntários e nos meios de comunicação. Em Portugal, para além dessas três instituições, os profissionais de mídia revelam uma confiança significativa nos membros do Parlamento, assim como na polícia e no exército.

A análise comparativa da pontuação nos dois países revela ainda que os profissionais levam em consideração valores universais,

princípios éticos e normas editoriais em seu trabalho diário. No entanto, eles também mostram receptividade em trabalhar com exceções quando e se necessário. Isto é, são pouco pragmáticos ao analisar cada situação e decidir por si quando e se outros meios e fins são válidos, de modo a evitar consequências negativas ou para conseguir um resultado final bom para a maioria das pessoas.

Finalmente, em termos de influências internas e externas, o estudo conclui que as influências organizacionais, processuais e profissionais são percebidas pelos jornalistas dos dois países como interferência na produção de notícias, em detrimento das influências relacionadas a grupos políticos, econômicos e de referência. Uma possível explicação para esse resultado, na literatura existente sobre jornalismo, é a de que os jornalistas podem não estar cientes do seu poder real e das influências potenciais no trabalho cotidiano de produção de notícias ou, ainda, que o processo de socialização pode levar à aceitação por parte dos jornalistas de que certas influências devam ser consideradas normais.

Concluimos, assim, que o impacto das “influências políticas” no contexto do jornalismo parece ser baixo, algo que também pode se aplicar aos impactos “econômicos” e de “outros grupos de referência”. A influência interna – ou de natureza “organizacional”, “processual” ou “profissional” –, ao contrário, parece interferir bem mais no trabalho jornalístico. Os resultados confirmam as conclusões de Hanitzsch e Mellado (2011), que apontam para o fato de que as influências políticas tendem a ser mais fortes em países onde o grau de democracia é menor.

Em resumo, as diferenças resultantes desta análise comparada sobre as práticas e as orientações jornalísticas nos dois países mostram que elas são determinadas pelos respectivos contextos nacionais. O argumento apresentado neste artigo é o de que culturas profissionais parcialmente distintas como as verificadas entre os jornalistas portugueses e brasileiros são resultantes de experiências institucionais, sociais e culturais específicas, o que impede, por enquanto, a existência de uma comunidade jornalística “desterritorializada” ou translocal de língua portuguesa.

## NOTAS

- 1 Em termos históricos, de acordo com Melo (2009), por quase dois séculos os escritores que simbolizam o pensamento jornalístico no Brasil mostram coerência sem deixar de lado a controvérsia, o que dá certa sensação de continuidade considerando os impasses da profissão. Esses profissionais reforçam e valorizam um estilo brasileiro de prática do jornalismo que se desenvolveu após a emancipação política do Brasil de Portugal, em 1822, e mais tarde, entre 1831 e 1840, quando a integridade territorial do país foi garantida em meio a revoltas regionais (MELO, 2009).
- 2 A pesquisa portuguesa foi desenvolvida como parte do projeto Mundo do Jornalismo Português (PTDC/CCI-JOR/111888/2009), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Programa Operacional Temático Factores de Competitividade (COMPETE) do Quadro Comunitário de Apoio III Comparticipado e do Fundo Comunitário Europeu.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, C. **A regra do jogo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- ABREU, A.; LATTMAN-WELTMAN, F.; DORA, R. **Eles mudaram a imprensa – depoimentos ao CPDOC**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- ADGHIRNI, Z. L. Rotinas produtivas dos jornalistas em Brasília. In: MOUILLAUD, M; PORTO, S. D. (Org). **O jornal, da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997.
- APPADURAI, A. **Modernity at large: Cultural dimensions of globalization**. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 1996.
- ARBEX Jr., J. **Showrnalismo, a notícia como espetáculo**. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2001.
- BELTRÃO, L. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. São Paulo: Edusp / Com-Arte, 1992.
- CHAPARRO, M. C. C. **Pragmática do jornalismo, buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. São Paulo: Summus, 1994.
- CHRISTOFOLETTI, R. **Ética no jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.
- CORREIA, F.; BATISTA, C. **Jornalistas: do ofício à profissão**. Lisboa: Editorial Caminho, 2007.
- CORREIA, F.; BATISTA, C. **Memórias Vivas do Jornalismo**. Lisboa: Editorial Caminho, 2010.

COULDRY, H.; HEPP, A. Comparing media cultures. In: F. Esser; T. Hanitzsch (Ed.), **Handbook of comparative communication research**. London, UK: Routledge, 2012. p. 249-261.

DINES, A. **O papel do jornal e a profissão de jornalista**. São Paulo: Summus, 2009.

FIDALGO, J. **O Jornalista em construção**. Porto: Porto Editora, 2008.

FIDALGO, J. **O lugar da ética e da auto-regulação na identidade profissional dos jornalistas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2009.

GARCIA, J. L.; CASTRO, J. Os jornalistas portugueses. Da recomposição social aos processos de legitimação profissional. *Sociologia – Problemas e Práticas*, v. 13, p. 93-114, 1993.

GARCIA, J. L. Para o estado da arte da investigação sobre os jornalistas portugueses. *Revista Media & Jornalismo* (online). v. 9, n. 17 (2 Outono – Inverno), p. 125-140, 2010. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/>» Acesso em: 3 January 2011.

HALLIN, D. C.; MANCINI, P. Comparing media systems: A response to critics. In: ESSER, F.; HANITZSCH, T. (Ed.), **Handbook of comparative communication research**. London, Routledge, 2012. p. 207-220.

HANITZSCH, T. Deconstructing journalism culture: Toward a universal theory. **Communication Theory**, n. 17, p. 367-385, 2007.

HANITZSCH, T. e MELLADO, C. What Shapes the News Around the World? How Journalists in Eighteen Countries Perceive Influences on Their Work. **The International Journal of Press / Politics**, v. 16, n. 4, 2011.

HANITZSCH, T. Populist Disseminators, Detached Watchdogs, Critical Change Agents and Opportunist Facilitators: Professional Milieus, the Journalistic Field and Autonomy in 18 Countries. *International Communication Gazette*, nº 73, p. 477-494, 2011.

HANITZSCH, T., Folker Hanusch, Claudia Mellado, Maria Anikina, Rosa Berganza, Incilay Cangoz, Mihai Coman, Basyouni Hamada, Maria Elena Hernandez, Christopher D. Karadjov, Sonia Virginia Moreira, Peter G. Mwesige, Patrick Lee Plaisance, Zvi Reich, Josef Seethaler, Elizabeth A. Skewes, Dani Vardiansyah Noor & Kee Wang Yuen (2011a): Mapping Journalism Cultures across Nations: A Comparative Study of 18 Countries. *Journalism Studies* vol. 12, nº3, p. 273-293, 2011a.

HANITZSCH, T., Maria Anikina, Rosa Berganza, Incilay Cangoz, Mihai Coman, Basyouni Hamada, Folker Hanusch, Christopher D. Karadjov, Claudia Mellado, Sonia Virginia Moreira, Peter G. Mwesige, Patrick Lee Plaisance, Zvi Reich, Josef Seethaler, Elizabeth A. Skewes, Dani Vardiansyah Noor & Kee Wang Yuen: Modeling Perceived Influences on Journalism: Evidence from a Cross-National Survey of Journalists. *Journalism & Mass Communication Quarterly* vol 8, nº 1, p. 7-24, 2010.

HOFSTEDE, G. *Culture's consequences: Comparing values, behaviors, institutions, and organizations across nations*. 2ª ed. Thousand Oaks, California: Sage Publications, 2001.

- KARAM, F. J. Ética jornalística e interesse público. São Paulo: Summus, 2004.
- MARCONDES FILHO, C. Ser jornalista. São Paulo: Summus, 2009.
- MELO, J. M. Journalistic thinking: Brazil's modern tradition. **Journalism**, February 10, p. 9-27, 2009.
- MELO, J. M.; LINS DA SILVA, C. E. (Org.). **Perfis de jornalistas**. São Paulo: Editora FTD, 1991.
- MILLS, M.; BUNT, G. G.; BRUIJN, J. (2006) Comparative Research Persistent Problems and Promising Solutions. **Internacional Sociology (online)**. Vol 21(5), pp. 619-631. Available through: Sage Publications website: «<http://iss.sagepub.com>» [Accessed 12 January 2012];
- MOREIRA, S. V.; HELAL, C. L. R. Notes on media, journalism education and news organizations in Brazil. **Journalism: Theory, Practice & Criticism**, n. 10, p. 91-107, 2009.
- PINTO, M.; SOUSA, H. Journalism Education at Universities and Journalism Schools in Portugal. In: FROHLICH, R.; HOLTZ-BACHA, C. (Ed.) **Journalism Education in Europe and North America, An International Comparison**. New York: Hampton Press, 2003.
- REBELO, J. **Ser jornalista em Portugal: perfis sociológicos**. Lisboa: Gradiva, 2011.
- SOBREIRA, M. R. **Os jornalistas Portugueses 1933-1974**. Uma profissão em construção. Lisboa: Livros Horizonte, 2003.
- SZNEJDER, V. **Jornalistas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- TOFOLI, L. **Ética no Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- TRAVANCAS, I. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus, 2011

**Rui Alexandre Novais** é Doutor em Estudos de Comunicação e Imagem pela Universidade de Kent, em Canterbury (Reino Unido); Investigador do CECS - Universidade do Minho (Portugal) e da Universidade de Liverpool (Reino Unido); investigador responsável pelo projeto “O Mundo Português do Jornalismo”, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia do Ministério de Educação e Ciência de Portugal (PTDC/CCI-JOR/111888/2009).

E-mail: [rualais@gmail.com](mailto:rualais@gmail.com)

**Sônia Virginia Moreira** é Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (Brasil); Professora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Diretora de Relações Internacionais (2011-2014) da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação; pesquisadora associada da rede internacional de investigação científica Worlds of Journalism Study.

E-mail: [soniavm@gmail.com](mailto:soniavm@gmail.com)

**Luísa Silva** é Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Porto (Portugal) e pesquisadora do projeto “O Mundo Português do Jornalismo”, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia do Ministério de Educação e Ciência de Portugal PTDC/CCI-JOR/111888/2009.

E-mail: [silva.luisamc@gmail.com](mailto:silva.luisamc@gmail.com)

RECEBIDO EM: 04/03/2012 | ACEITO EM: 07/07/2013

